

CR\$ 800 — NCr\$ 0,80 — 18 DE MARÇO DE 1967

# O CRUZEIRO

## QUEM É VOCÊ CHICO BUARQUE ?

**SENSACIONAL**  
**DESCOBERTA**  
**EM SÃO PAULO**  
**A CURA**  
**DO CÂNCER**

**O PROTESTO**  
**DOS CABELUDOS**

EM CÔRES  
**PARIS-A MODA-67**

**GANGES**  
**O RIO SAGRADO DA ÍNDIA**

pg 30

# CHICO BUARQUE DE HOLANDA



# QUEM É VOCÊ?

**A**ntigamente, quando o menino Chico Buarque atravessava a Rua Haddock Lóbo, em São Paulo de 1953, os vizinhos diziam:

— Lá vai o filho do Dr. Sérgio.  
Hoje, quatorze anos depois, quando o Dr. Sérgio Buarque de Holanda, homem de estudos e de livros, passa por qualquer rua deste País, em Maricá ou Porto Alegre, há sempre uma boca para dizer, admirada:

## Lição de História Natural

Na chácara dos Buarque de Holanda a vida era risonha e franca. Havia tardes fagueiras e noites puxadas a canto de grilo. Tinha de tudo na velha chácara: laranjeiras, goiabeiras, um pé de abricó e recantos para brincadeiras de esconder. A população da chácara, além dos seis irmãos de Chico, era composta de cambaxirras, pardais, sapos e, vez por outra, um melro madrugador e jovial. Por trás da casa do Dr. Sérgio morava a Rua Augusta, não tão famosa como hoje, mas já mandando suas brasas. E bem perto, bem junto do casarão de Chico, existia uma espécie de terreno baldio que funcionava como chácara suplementar da criança dos Buarque de Holanda. De uma feita, pegaram uma coruja. Uma empregada velha, como fôsse noite de luar e dia de sexta-feira, inventou logo que era lobisomem. E fazendo o sinal-da-cruz:

— É lobisomem, que esse amaldiçoado vira o que bem entende.

Chico protestou:

— Que lobisomem, que nada. É coruja. Era uma coruja. A chácara, naquela noite de sexta-feira, dava a sua primeira

lição de História Natural aos meninos do Dr. Sérgio Buarque de Holanda.

## Uma estrela para Chico

Mas a chácara da Rua Haddock Lóbo não era apenas pés de árvores e bichos rotineiros. Possuía atrações maiores. Certa noite caiu uma estrela bem no fundo do quintal. Chico, que acompanhou com seus olhos verdes a viagem luminosa, logo que o galo cantou correu para pegar não a estrela toda, que devia ser graudona, mas estilhaço dela. Não pegou. Em verdade, não havia estrela alguma no fundo da chácara do Dr. Sérgio. Chico ficou com uma espécie de gosto-de-cabo-de-guarda-chuva na boca. Era a sua primeira decepção de Cristóvão Colombo do céu. Mais tarde, falando sobre a estrela perdida com um garoto da vizinhança, autoridade em coisas das nuvens por ser proprietário de uma frota de pipas, recebeu dele uma aula de Astronomia. O que os seus olhos tinham visto não era uma estrela e sim um filhote dela, coisa sem importância, que nascia e caía todos os dias. Chico, desmontado com a erudição do menino dos papagalos, tomou uma enérgica medida. Comprou uma luneta.

## Dona Maria Amélia, suas leis e parágrafos

Mas nem tudo era ouro sobre o azul na casa da Rua Haddock Lóbo. Não pelo Dr. Sérgio, boa praça, sempre mexendo e remexendo em livros, distante da chácara e dos seus mistérios. A pedra no caminho de Chico e da sua meia dúzia de irmãos era Dona Maria Amélia. Administrava a casa com mão severa, de disciplina em punho. Com Dona Maria Amélia havia regulamen-

tos, leis e parágrafos. Hora de brincar, brincar. Hora de estudar, estudar. O diabo é que a hora de estudar era mais comprida do que a hora de vadiar. A voz de mando de Dona Maria Amélia corria por todo o casarão:

— Menino faz isso, menino faz aquilo! Uma noite, em que estudava o descobrimento do Brasil, Cabral de barbas de espanador e Pero Vaz de Caminha às voltas com a sua pena de pato, Chico ouviu ruídos no fundo da chácara. Deixando Cabral cair no chão e Pero Vaz de Caminha de tinteiro entornado, imaginou:

— São os índios!  
Não era índio. Era apenas um vasto e bem montado elefante. A chácara da Rua Haddock Lóbo tinha naquela noite o grande prazer de apresentar ao respeitável público da casa do Dr. Sérgio Buarque de Holanda o seu número maior. Um elefante ao natural.

## A chácara que encolheu

Quando Dona Maria Amélia soube que tinha dado elefante no seu quintal, sem acreditar no que ouvia, mandou que Chico fôsse estudar:

— Que invenção é essa, que bobagem é essa? Vá para o quarto tratar de sua Geografia.

Quando o Dr. Sérgio Buarque de Holanda, homem ilustre, escritor importante, soube do elefante em seu território, meio sobre o vago, mais dos seus livros do que da verdade das crianças, disse mais ou menos assim:

— Joga na lata de lixo.  
Elefante é elefante. Não é como borboleta, que se espeta, ou pardal, que se empalha. Elefante é fogo! Chico, à frente do



exército de manos, foi espiar de perto a grandeza do bicho. Era uma ilha, uma imensidão de carne e osso. Medido em palmos, Chico levaria horas para viajar da cauda à cabeça. Que jogar no lixo, que nada! O melhor era esconder o elefante, ficar dono dele. Durou pouco a propriedade dos meninos Buarque de Holanda sobre o aparecido. Um cornaca logo veio saber notícias dele. O elefante tinha fugido do circo, precisamente do circo armado no terreno baldio que funcionava como chácara suplementar da meninada da Rua Haddock Lóbo. E foi assim, num dia assim, com sol assim, que o quintal de Chico perdeu a sua maior atração. O que restou, depois da visita tão monumental, foi quase nada: benzevis, sapos e humildes cambaxirras. Chico sentiu nesse dia que a chácara tinha perdido alguma coisa.

— Encolheu! — pensou.

## Chico em tamanho grande

Hoje, tudo isso, pássaros e estrelas caídas do céu, são memórias. O elefante de Chico talvez tenha morrido, talvez nem exista mais o circo do seu elefante. Também o outro Chico, que gostava dos mistérios da Rua Haddock Lóbo e via índios no fundo do seu quintal, cresceu. E mudou. E as coisas antigas foram ficando menores, pequenitinhas. Hoje Chico é grande em tamanho e fama. Tem uma garbosa banda às suas ordens, a banda mais ruidosa do Brasil, desde as charangas da província à auto-suficiente banda dos Fuzileiros Navais. De repente, sem aviso prévio, o Dr. Sérgio Buarque de Holanda, que escreveu um dos livros mais importantes deste País ("Raízes do Brasil"), perdeu em celebridade para o filho.

— Que acha o doutor de tudo isso? Responde bem humorado:

— Engraçado.

## Tempo de Bach e tempo de Beethoven

Agora, com o estrelato a tiracolo, Chico não mora mais em São Paulo nem no Rio. Em verdade, não mora. Circula. Tem apartamento na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. É uma peça simples, sem prospopéias, muito ao jeito do seu dono. Visto assim sem cartão de visita, Chico parece feito em tecnicolor: tem olhos verdes e sol de praia no rosto. Vou falando com ele, Chico de 1967. Enquanto afina o violão, diz:

— Tenho uma conversa chata que é uma beleza...

Cá entre nós, o que Chico não tem é conversa. Fala aos pouquinhos, como quem quer poupar palavras. E gosta de passar as mãos sobre os cabelos. Dou uma olhadela pelo seu pequeno mundo de cimento armado. Vejo na parede um retrato a carvão de um certo político brasileiro.

— Admiração, Chico?

— Não, raiva.

Chico, como a "Bíblia", diz que há tempo para tudo. Já houve nele o tempo de Bach. Agora chegou o tempo de Beethoven. E é fumando cigarros Luiz XV que ele fala do homem da "Sonata ao Luar". Fala man-

Por

José Cândido de Carvalho

so, talvez para não espantar Beethoven, que está derramado em seu sofá em forma de discos. Da rua, sem pedir licença, vem uma rajada intrometida de iê-iê-iê. Beethoven aproveita a ocasião para ir embora. Chico não gosta de iê-iê-iê, mas não tem raiva dos que gostam. Compreende. E acha até preferível Roberto Carlos a Elvis Presley. Justifica:

— Pelo menos esse é brasileiro. A gente não necessita consumir dólares com ele, como o trigo e o whisky.

Chico não diz. Mas, pelo jeito, gostaria de passar pelo moedor de carne todo o iê-iê-iê da praça, inclusive o estoque estrangeiro.

## Música para sempre

Indago:

— Chico, diga logo quais as três músicas brasileiras que você levaria para a tal ilha deserta caso fôsse confinado ou cassado?

Responde:

— "Amélia", "Quando o Samba Acabou" e "João Valentão", de Ataulfo Alves e Mário Lago, Noel Rosa e Dorival Caymmi.

## A glória tem seu preço

Atualmente, tem dois poetas na sua alça de mira: Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade. Lê devagar, saboreando. A vida do Chico Buarque de hoje não é a vida do Chico Buarque da Rua Haddock Lóbo. Não tem muito tempo para largas leituras. Monta em avião quase toda a semana, entre Rio e São Paulo. Já foi época em que podia ler a "Tutinegra do Molho", livro péso-pesado, um calhamaço de quase 500 páginas. O relógio de Chico é apressado. Se não tem mais a voz de Dona Maria Amélia nos ouvidos, tem contratos rígidos, papéis imperiosos que obrigam Chico a pular mais do que minhoca em areia quente. As vezes, tem saudade dos dias vagabundos: praias, conversas sem compromissos, cinema à tarde, namoros de esquina à noite. A existência de Chico é atribulada. Fatura aqui, fatura lá. E há também os admiradores.

— Chico castiga uma coisa bonita no meu papel.

Chico escreve. Mas fica de olho na papelada, pois já houve um caso de certo cantor que, numa dessas florestas de mãos e lápis, acabou por autografar uma promissória. O pior não é isso. É quando Chico tem que botar o jamegão até em papel de sorvete.

— É chato, acaba com o coreto da gente.

## Uma banda para a vida inteira

Assim é Chico Buarque de Holanda em encadernação 87. Um moço simples de olhos verdes de baleba. O sucesso veio cedo para ele e peço a Deus que demore, que fique de palanque vendo a bandinha do moço passar. Chico quase não fala — canta. E canta por gosto, que esse é o seu jeito de ser. Uma ocasião ficou meio sobre o vinagre porque disseram que ele, rapaz do asfalto, na certa nunca tinha botado o olho numa banda. Chico não disse nada, porque Chico não é de muito dizer. Cá entre nós, se há coisa em que ele é especial, é em banda. Não da banda prestigiosa do "estava-à-toana-vida-o-meu-amor-me-chamou". Mas das outras, aquelas humildes charangas dos velhos circos de cavalinhos, que vez por outra, com as suas lonas rasgadas, apareciam bem perto da casa do Dr. Sérgio em São Paulo de 1950. Elas vão tocar para Chico a vida inteira.